



Uma leitura semiótica do verbal e não verbal da reportagem “Pedofilia. Quando o inimigo é da família”¹

Marina Veroneze VIEIRA²
Adenil Alfeu DOMINGOS³

Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

Resumo

Este trabalho pretende desvendar, através de uma análise semiótica do verbal e não-verbal, os efeitos que os signos, usados em uma reportagem, são capazes de provocar no seu público-alvo. A partir da ótica Peirceana, será possível compreender, primeiramente, qual é a natureza desses signos; quais seus poderes de referência; qual informação eles transmitem; como eles se estruturam em sistemas; como funcionam; como são veiculados, produzidos e utilizados, para, enfim, descobrir seus níveis interpretativos. Para isso, será usado como corpus de análise a reportagem, “Pedofilia. Quando o inimigo é da família”, escrita por Laura Diniz e Leonardo Coutinho, publicada na revista Veja, na edição de 25 de março de 2009.

Palavras-chave: semiótica; Peirce; pedofilia; Revista Veja.

Introdução

Atualmente, com o advento das novas tecnologias, a pedofilia passou a ser um dos temas mais veiculados na mídia jornalística. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, Houaiss, pedofilia é definida como: “(1) perversão que leva um indivíduo adulto a se sentir sexualmente atraído por crianças; (2) prática efetiva de atos sexuais com crianças”. Considerada uma doença psicológica, a pedofilia pode levar o doente (pedófilo) a cometer abusos sexuais contra crianças.

Esse tipo de crime tem chamado a atenção de todos. Em primeiro lugar, porque envolve violência contra crianças; em segundo, por ser uma doença pouco conhecida e compreendida; em terceiro, talvez maior motivo, pela mídia abordar o assunto usando propositalmente signos que despertam sentimentos e induzem o público a interpretar o fato de

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Unesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, email: marina_vieira_15@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Unesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, email: adenil@faac.unesp.br

uma maneira pré-definida, como sendo monstruoso. Para compreender como e porque somos afetados por esses signos e quais são os interpretantes despertados em nós (intérpretes), será feita uma análise semiótica, baseada nas idéias de signo de Peirce, da capa e das oito páginas que compõe a reportagem “Pedofilia. Quando o inimigo é da família”, escrita por Laura Diniz e Leonardo Coutinho, publicada na revista *Veja*, na edição de 25 de março de 2009.

Todos os elementos não-verbais desse *corpus* foram analisados minuciosamente, seguindo o passo a passo da aplicação da semiótica encontrado no livro *Semiótica Aplicada* de Santaella (2002). Essa autora explica que para fazer uma leitura semiótica é preciso encontrar primeiramente os quali-signos, sin-signos e legi-signos, posteriormente evidenciar quais são os objetos imediatos e dinâmicos dos signos, depois classificar os signos em ícones, índices e símbolos e no final chegar nos níveis interpretativos. Porém, nesse artigo somente a análise da capa será exposta de forma completa e aprofundada, como ensinada nesse livro, para que a leitura interpretativa do mesmo não fique tautológica. As outras imagens da reportagem foram analisadas seguindo o mesmo processo, porém só serão apresentadas as características mais relevantes para a análise de cada uma delas.

Para que a interpretação ficasse a mais completa possível, os elementos verbais não puderam deixar de ser levados em consideração. Todas as imagens só foram entendidas a fundo, por causa da leitura do texto verbal da reportagem, que, em todo momento, serviu de complemento e ancoragem à interpretação das imagens.

1- Como uma vitrine



Quando o leitor atento pretende fazer a leitura crítica da capa da revista acima, quase que inconscientemente ele faz a interpretação de todos os signos presentes nela. No final dessa análise, alguns signos permanecem no intérprete, que chega aos interpretantes finais dos signos, como sendo um hábito. Dependendo de seu nível, um signo pode se

manifestar de várias formas, desencadeando uma emoção ou uma ação, como, por exemplo, o ato de abrir a revista para ler a reportagem completa que não deixa de ser um hábito já incorporado ao processo de leitura da revista. O leitor faz essa ação de modo inconsciente.

Assim também, a interpretação de muitos dos signos dessa capa é feita de forma instantânea pela mente do leitor, como sendo também um hábito. Mas, para fazer uma leitura semiótica com mais acuidade, o processo não é tão simples e rápido como o da interpretação realizada abduktivamente pelo cérebro. Para sair da abdução, o leitor deve começar a adentrar a varredura do texto como se fosse um detetive a procura de uma pista para encontrar um assassino de um crime qualquer. Depois de encontradas várias pistas ele pode começar o trabalho de indução (testes) para verificar a funcionalidade desse objeto como significativo para atingir um objetivo. É um momento de pesquisa e teste indutivo. A conclusão de descoberta do criminoso pode ser entendida na pesquisa como um momento de dedução.

Para encetar essa viagem de descoberta da significação de um signo dentro de um contexto é necessário primeiramente entender o conceito de signo, objeto e interpretante (lógica triádica do signo), que segundo Santaella, 2002, pg. 8:

Em uma definição mais detalhada, o signo é qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo etc.) e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo. [...] Tanto quanto o próprio signo, o objeto do signo também pode ser qualquer coisa de qualquer espécie. Essa “coisa” qualquer está na posição de objeto porque é representada pelo signo. O que define signo, objeto e interpretante, portanto, é a posição lógica que cada um desses três elementos ocupa no processo representativo.

Assim sendo, a capa da revista já é um signo do que ela deseja representar, ou seja, é o objeto representante do signo factual ou acontecimento real. Já o interpretante é o efeito de sentido que a mensagem produz nos leitores. Tendo em vista essa primeira definição e classificação de signo, é preciso destacar que existem três propriedades formais que dão direito aos objetos de serem considerados signos. Os signos que dão fundamento ao próprio signo como objeto são sua mera qualidade, sua existência e seu caráter de lei. Diante disso, o primeiro passo para fazer a análise semiótica da capa em questão é descobrir quais são seus quali-signos (qualidades que são signos), sin-signos (propriedade de existir) e legi-signos (aspectos de lei).

Levando em conta que os quali-signos pertencem a um plano puramente sensório façamos a identificação dos mesmos: a cor preta - sem considerar onde ela está corporificada,

seu contexto e o fato de ser uma cor existente. Ela se torna, assim, uma cor sgnica que produz uma cadeia associativa, ou seja, ela nos faz lembrar escuridão, solidão e medo, já que é considerada pela nossa cultura como sendo uma cor negativa; em contraste com o preto, encontramos a cor branca que produz uma cadeia associativa oposta  produzida pela cor preta; ela nos faz lembrar paz, esperança e representa a abertura, a saída para a liberdade; a cor vermelha, por sua vez, também é evidente no objeto de análise; essa cor signo nos remete ao perigo,  violência, ao sangue; além dessas cores, as formas geométricas também são consideradas quali-signos, no caso a única forma encontrada é o retângulo que d a idéia de profundidade de campo, construindo uma linha de horizonte que separa nitidamente a capa em dois planos: um preto (dentro/solidão) e um branco (fora/esperança); o último quali-signo encontrado é a inexistência de margens na capa, que coloca o leitor dentro do ambiente fotografado.

O sin-signo, isto é, a realidade da capa de revista tem seu tamanho medindo 26 x 20 cm; o tipo de papel que ela foi impressa e há ainda que se considerar que essa capa está coberta de tinta. Essa tinta, por sua vez, forma representações sgnicas outras do mundo real. Assim, o sin-signo é o choque do olhar atento do leitor para com os objetos nela representados, como se fosse o próprio mundo ali presente e não apenas tinta sobre o papel com uma textura lisa.

Como o terceiro fundamento do signo (legi-signo) está nos seus aspectos de lei, esse sin-signo particular pode ser classificado como um anagrama, já que é a capa é um signo por de trs do qual estão todos os casos de pedofilia. Seu subgnero é o do fotojornalismo manipulado, isso é, a foto não mostra uma situação espontânea e, sim, posada.

O próximo passo da análise é encontrar o objeto dinâmico e imediato do signo. Segundo (SANTAELLA, idem, pg. 15) “Quando olhamos para uma fotografia, l se apresenta uma imagem. Essa imagem é o signo e o objeto dinâmico é aquilo que a foto capturou no ato da tomada a que a imagem na foto corresponde”. Assim sendo, no caso analisado, a imagem da menina magra, de cabelos curtos, dentro de um ambiente de um quarto, posicionada na frente de uma janela, com a cabeça baixa e as mãos para frente nos coloca diante de um signo, ou representamen de um fato outro que gerou este: É o objeto dinâmico do mesmo.  essa situação factual primeira, só que no momento real, em que a foto estava sendo tirada que entendemos como signo gerador dessa cadeia de signos. Por sua vez, o objeto imediato é o modo como o signo representa ou indica ou, ainda, sugere o objeto dinâmico, como tendo um *ground* ou fundamento. É o recorte específico do objeto dinâmico, isso é, a angulação e



escolha da delimitação daquilo que a foto capturou no ato da tomada, sob a visão do sujeito que a focalizou e fotografou.

Depois de identificar os três tipos de propriedades que fundamentam o signo e seus objetos, fica fácil encontrar os tipos de relação que o signo pode ter com esses objetos. “Se o fundamento é um quali-signo, na sua relação com o objeto, o signo será um ícone; se for um existente, na sua relação com o objeto, ele será um índice; se for uma lei, será um símbolo” (SANTAELLA, *idem*, pg. 14).

Então, segundo o meu conhecimento de mundo, as minhas experiências vividas anteriormente (pragmática), os ícones encontrados na capa são: menina, janela, parede, sombra e lado de dentro e de fora. Vale ressaltar que, predominantemente, esses ícones são imagéticos (estabelece uma relação de semelhança com seu objeto somente no nível da aparência); por outro ângulo, eles, porém, também podem ser considerados diagramáticos (representa por similaridade entre as relações internas que o signo exhibe e as relações internas do objeto que o signo visa representar) e metafóricos (representa o objeto por similaridade no significado do representante e do representado). Na verdade, essa imagem representa todos os casos de pedofilia existentes. Já os índices podem ser notados através: da cabeça baixa da menina que é índice de tristeza; da posição dela (de costas) que indica que ela é uma criança menor de idade que não pode revelar seu rosto na mídia; da janela que é índice de que existe um lugar fora daquele ambiente (existe esperança e liberdade) e da parede que é índice de casa/prisão. Por fim, os símbolos encontrados foram: a menina de cabeça baixa representa as crianças que são abusadas sexualmente, a janela representa o futuro que essas crianças podem ter, mas ainda não têm e a parede é símbolo de prisão dentro da própria casa.

Para finalizar a análise semiótica, basta agora identificar os níveis dos interpretantes do signo que são divididos em três: interpretante imediato, interpretante dinâmico que se subdivide em outras três categorias (emocional, energético e lógico) e o interpretante final. Segundo Peirce, o interpretante imediato está no nível da primeiridade e “...Trata-se do potencial interpretativo do signo, quer dizer, de sua interpretabilidade ainda no nível abstrato, antes de o signo encontrar um intérprete qualquer em que esse potencial se efetive” (SANTAELLA, pg. 24) isso significa que o interpretante imediato da capa é o potencial que ela tem para ser interpretada, antes mesmo do leitor a ler e atualizar essa potencialidade. Já o interpretante dinâmico emocional (qualidade de sentimento que o signo desperta no intérprete) é a solidão, dor, tristeza. O dinâmico energético (ação física ou mental despertada no leitor) seria a vontade de abrir a revista para encontrar a reportagem citada na capa e lê-la. O dinâmico lógico (regra interpretativa já internalizada, transição do emotivo

para o racional) é quando a pessoa pensa a respeito do assunto e chega a uma conclusão; não é possível dizer certamente qual seria o interpretante lógico do caso analisado porque cada pessoa pensa de uma maneira diferente. Por exemplo, a grande maioria chegaria à conclusão que os casos de pedofilia são absurdos, mas infelizmente elas não podem fazer nada para mudá-los; já outras pessoas podem chegar à conclusão que devem tomar uma atitude, fazer passeatas ou criar um projeto de lei contra a pedofilia.

Como o próprio nome já diz o interpretante final é o último nível de interpretante e também último elemento analisado na capa dessa revista. Esse nível dificilmente será alcançado por um leitor. Pois, somente quem se propõe a analisá-la cientificamente, como nesta nossa leitura, por exemplo, conseguirá chegar nesse grau de interpretação dedutivo analítico. Assim essa análise pode ser considerada um produto final do meu raciocínio.

Após concluir a análise semiótica dessa capa da revista *Veja* fica evidente que os efeitos interpretativos dependem diretamente do modo como o signo representa seu objeto. Como uma vitrine de loja que exhibe seus melhores produtos para chamar a atenção de seus clientes, a capa da revista condensa todo o conteúdo de uma forma atrativa para instigar a curiosidade do leitor, utilizando um discurso persuasivo, publicitário composto por signos que geram interpretantes dinâmicos emocionais e energéticos.

3- O poder da ausência



Como já foi dito anteriormente, a análise da imagem da página acima e das páginas seguintes foram feitas obedecendo aos mesmos passos minuciosos do estudo da capa, mas neste artigo só será mostrado a parte que for de interesse maior para o entendimento de como os signos induziram o leitor a obter os interpretantes e quais são eles.

O objeto imediato da imagem, isto é, a posição em que colocaram a boneca para ser fotografada (sem roupa, com as mãos na boca e as pernas encolhidas) diz muito. Neste

caso, a boneca é um ícone metafórico que representa uma criança. Essa associação já desperta no leitor sentimentos de preocupação, pena e dó que, com o auxílio dos índices (a boneca sendo índice da infância, a mão no rosto índice de medo e vergonha e a falta da roupa índice do abuso sexual). Há ainda os símbolos como, por exemplo, a boneca representando as crianças que são abusadas sexualmente. Porém, o elemento mais relevante dessa análise é a ausência da roupa na boneca. Se ela estivesse vestida, não estaria representando as crianças que sofrem abusos sexuais, mas somente uma criança com medo e vergonha. A falta de um ícone (roupa) pode fazer uma grande diferença na hora da interpretação. Portanto se essa ausência for intencional será de grande utilidade para a construção dos interpretantes, mas se ela não tiver um propósito, a mensagem transmitida pode ser enganosa. Por exemplo, se a reportagem estivesse falando de crianças que apanham dos pais, ao ver a boneca (que representa as crianças) sem roupa, os leitores poderiam entender que esses pais também abusam sexualmente dessas crianças. Mesmo que essa informação não estivesse contida nos textos da reportagem e não fosse verdadeira ainda assim essa idéia poderia ser fomentada como implícita, embora a coerência da leitura não permita essa ilação.

4- A interpretação adiantada pelo pragmatismo



Quando o leitor se depara com a imagem acima ilustrada na página de uma revista ele não precisa ler o texto para entender que se trata de uma menina menor de idade que está em um hospital ou consultório médico, precisando de ajuda. Essas conclusões podem ser tiradas devido aos signos cognitivos que compõe a imagem. Esses signos permitem que o leitor faça o reconhecimento instantâneo dos ícones, índices e símbolos que podem ser compreendidos graças ao conhecimento já adquirido com experiências vividas, anteriormente, por esses leitores, denominado por Peirce de pragmatismo.

Os leitores primeiramente reconhecem os ícones da imagem que são: a menina, sua roupa, a presilha em seu cabelo, o relógio, o jaleco branco, e a mulher no fundo da foto, por semelhança aos objetos do mundo real. Automaticamente, eles interpretam o fato da menina estar de costas como um índice que ela é menor de idade por não poder mostrar o rosto; a mão dada com um adulto indica que a menina está precisando de apoio e segurança e o jaleco branco é índice de que aquele adulto trabalha na área da saúde. Então, o intérprete entende que a menina está com algum problema de saúde e por isso é amparada por um adulto médico ou enfermeiro. Esse reconhecimento só foi possível porque os leitores sabem, graças a experiências anteriores, que menores de idade não podem ser identificados na mídia, por uma medida de segurança. As crianças quando estão com problemas recorrem aos adultos e que pessoas que usam jaleco branco são médicos, enfermeiros ou dentistas. Todas essas inferências são indiciais. Por exemplo, caso um leitor nunca tenha visto um médico, enfermeiro ou dentista o jaleco branco não indicará a profissão exercida por aquele adulto, isso interferiria na interpretação completa da imagem, já que essa pessoa não entenderia que o ambiente representado na foto é um hospital.

Com o auxílio do pragmatismo a interpretação da imagem fica quase completa, mas é claro que sem o apoio do verbal pode haver grandes erros de interpretação. Quando se toma conhecimento do contexto em que essa imagem está inserida (reportagem que aborda casos de pedofilia) a interpretação fica mais nítida (a menina está no hospital porque sofreu abusos sexuais). Mas só após a leitura da legenda e do texto é possível entender detalhadamente o que aconteceu com a menina. Pelo verbal sabemos que ela está dentro de um hospital precisando de ajuda. Ela fora estuprada pelo padrasto e ficara grávida de gêmeos; No entanto, a mãe preferiu que fizessem um aborto, já que a vida da menina estava em risco.

5- Verbal : a âncora do não-verbal



A foto que ilustra a página acima, sem o auxílio da legenda e do texto, pouco contribui para a interpretação geral da reportagem. A única conclusão que os leitores podem chegar, se prestarem a atenção nos ícones (tênis, roupa, esmalte rosa, ausência de sorriso) e índices (trajes que indicam juventude e falta de sorriso que indica tristeza) é que se trata de uma moça triste. Porém, se os intérpretes lerem a legenda (*TRAUMA: Joana Maranhão, vítima de abuso aos 9 anos : “É uma cicatriz na alma”*) conseguirão entender quem é a moça na foto e porque ela está triste. Mas só com a leitura do depoimento de Joana (ao lado da foto), e da reportagem, saberão que essa moça simboliza o futuro cheio de trauma e tristeza das crianças que são estupradas. Esse é um exemplo que deixa evidente a importância que o verbal tem para completar as informações transmitidas pelo não-verbal e vice e versa.

6- O despertar dos sentimentos



Praticamente todos os signos que nos são apresentados conseguem gerar interpretantes dinâmicos emocionais, isto é, despertar nossos sentimentos. Muitas pessoas acreditam que só o discurso publicitário mexe com o emocional, mas a foto da página acima é um exemplo perfeito de que o papel de instigar nossos sentimentos não é cumprido só pela publicidade, mas também pelo jornalismo.

O quali-signo predominantemente explorado nessa foto é a cor preta, que desperta muitos sentimentos negativos como a solidão, o medo e a angústia. Esse quali-signo foi usado propositalmente, para laçar o leitor pelo sentimentalismo. Ao chegar nos interpretantes emocionais este fica comovido e curioso para saber porque aquela mulher está sozinha e desamparada, conseqüentemente a atenção do leitor é conquistada e ele continuará lendo a reportagem.

7- Quando as cores significam



Sem uma análise semiótica detalhada fica difícil interpretar os significados das cores. Mas mesmo sem saber ao certo o que elas representam nós somos capazes de entender as mensagens que elas querem transmitir. Na foto da página acima, as cores significam muito, não de forma individualizada, mas de modo geral, isso é, o que elas juntas representam em contra partida do preto (o não colorido).

Primeiro é necessário deixar claro que essa análise só foi possível graças ao auxílio da mensagem verbal (depoimento e texto da reportagem) que contam a seguinte história da mulher representada na foto: quando era criança ela foi estuprada diariamente pelo padrasto dentro da própria casa em que morava, não podia contar sobre os abusos que sofria porque apanhava, só quando completou 13 anos parou de ser violentada. Atualmente, sua mãe está separada do padrasto e quem provavelmente passa pelo mesmo sofrimento é seu irmão que sempre volta triste quando vai visitar o pai.

Tendo conhecimento dos fatos é possível entender que as cores, que começam no canto inferior direito da foto e termina na linha imaginária que corta a foto diagonalmente, representa a alegria que a jovem sente por não ser mais violentada e a esperança de ter uma vida melhor. Já a parte escura da foto, que começa onde as cores terminam e vão até o canto superior esquerdo da foto, simboliza seu trauma e a tristeza que sente por saber que o irmão provavelmente está passando pela mesma situação que ela passou. Talvez, se a foto fosse totalmente colorida, ela não conseguisse transmitir os sentimentos de tristeza e preocupação que a moça sente á respeito do irmão. Iria sugerir apenas que, apesar de ter sofrido muito e hoje estar cheia de traumas, a jovem estava bem e completamente feliz por se ver livre dos abusos. E se a foto não tivesse cores, provavelmente entenderíamos que ela ainda sofre abusos.

8- A iconização da justiça



Quando uma reportagem fala sobre crimes, o tema justiça sempre é abordado. Os jornais, revistas e noticiários televisivos se sentem na obrigação de esclarecer para seu público o desfecho do caso nos tribunais. As pessoas esperam ansiosas para saber o que aconteceu com os criminosos, ficam na expectativa de ver se a justiça foi cumprida. Por isso, este artigo tem como objetivo identificar como a justiça pode ser iconizada na mídia e quais interpretantes são despertados no público através desses ícones.

Ao identificar os ícones da foto da primeira página acima (mulher de punhos fechados, máscara, jaqueta de couro, microfone, copo, água, cadeira, mesa, placa com os dizeres: 2º secretário, automaticamente, os índices são identificados- mulher de punho fechado indica determinação e raiva; a máscara é índice de que ela não pode mostrar o rosto; o microfone é índice de que a mulher está falando para uma grande quantidade de pessoas; o copo e a água indica sede ou, como no caso, boca seca de falar muito e a cadeira, mesa e placa indicam o lugar que a mulher está: um tribunal). No final chega-se a conclusão que a mulher que não pode mostrar o rosto está dando o seu depoimento em um julgamento.

Após ler a legenda e o texto da reportagem é possível entender que a mulher é mãe de uma criança que sofreu abusos sexuais e agora está lutando na justiça para que os criminosos possam ser punidos. Neste caso, o principal ícone usado para representar a justiça foi o punho fechado, que mostrou para os leitores que aquela mãe foi à luta para defender seu filho. O ato de fechar a mão e bater na mesa mostra determinação e ação, tudo aquilo que os leitores sentem vontade de ter e fazer quando tomam conhecimento de crimes como o de pedofilia.

A segunda página acima contém duas fotos, a primeira está cheia de ícones que representam a infância (casa de boneca, bichos de pelúcia, muitas cores), ilustrando uma sala especial onde as crianças dão depoimentos sem ter que ir ao tribunal. O ambiente que mostra

uma psicóloga conversando com uma menina vítima da pedofilia evidencia que existe um atendimento diferenciado para com essas crianças, indica também que o sofrimento delas é amenizado com esse atendimento especial e, conseqüentemente, a situação fica um pouco mais justa do que se a criança tivesse que dar seu depoimento em um tribunal, passando por medo e constrangimento.

A segunda foto dessa página mostra um homem com os pés acorrentados sendo levado por policiais para a prisão. O ícone da corrente indica que a justiça foi cumprida e o criminoso está pagando pelo que fez. O sentimento de alívio transmitido por essa foto une-se à curiosidade de identificar o rosto do criminoso, analisar minuciosamente se esse rosto não é conhecido, se ele já foi visto. O mesmo acontece na foto da página seguinte, em que a única diferença é que o ícone não é uma corrente, mas uma algema.

Todos os ícones usados nessas fotos para representar a justiça despertaram sentimentos e vontade de agir (interpretantes) nos leitores. Ao ver as fotos os intérpretes se sentem tranquilizados e aliviados, porque apesar deles acharem que são incapazes de agir, sabem que alguém está fazendo alguma coisa por eles, estão agindo por eles. Quando se vê criminosos algemados e presos sentimos a satisfação e alegria de que nem tudo na vida é injusto. Mesmo que as fotos ilustrem casos isolados e fora do Brasil, em que os criminosos foram punidos, são suficientes para alimentar a esperança de que ainda existe justiça no mundo.

9- Diagramas do medo



Três páginas da reportagem mostram desenhos feitos à mão por crianças que foram abusadas sexualmente. Esses desenhos são ícones diagramáticos, já que representam por similaridade as relações internas que o signo exhibe e as relações internas do objeto que o signo visa representar. Eles conseguem fazer com que os leitores cheguem ao nível dos interpretantes dinâmicos emocionais. Esses diagramas exteriorizam o medo, vergonha,



tristeza e trauma que essas crianças sentem. Isso fica evidente porque em todos eles os órgãos genitais são mostrados ou escondidos com rabiscos.

Ao ver esses desenhos os leitores são afetados emocionalmente, já que percebem que as crianças não desenham como uma forma de brincadeira, mas sim, como um desabafo, evidenciando as consequências que os abusos deixaram nelas e como a inocência delas foi atingida.

10- Conclusão

Através da leitura semiótica peirceana do verbal e não-verbal da reportagem “Pedofilia. Quando o inimigo é da família”, foi possível compreender que os signos presentes na construção da matéria foram escolhidos e usados propositalmente para que a interpretação feita pelos leitores fosse facilitada e para que o emocional deles fosse atingindo, conquistando-os e fazendo-os continuar a leitura da reportagem.

Foi constatado que a mistura do discurso jornalístico com o publicitário; a ausência de ícones, o verbal complementando o não verbal (e vice e versa); a seleção de cores, o contraste do colorido e do preto; o uso de metáforas e diagramas, entre outros recursos, fora essencial para que o leitor tivesse aprofundando seus níveis interpretativos. Isto é, passar do interpretante imediato para o dinâmico emocional, energético e lógico. Só não chegaram ao interpretante final porque isso só seria possível se esses leitores fizessem um estudo científico como a leitura semiótica realizada neste artigo. Vale destacar que o interpretante mais relevante foi o emocional, que despertou sentimentos como curiosidade, tristeza, pena, solidão, medo e satisfação.

Porém é importante esclarecer que essa análise não é definitiva nem fechada. A reportagem continua aberta a interpretações já que as conclusões tiradas neste artigo foram obtidas sob o meu olhar. “Quando analisamos semioticamente, estamos sempre na posição do interpretante dinâmico, de um intérprete singular e, por isso mesmo, falível.” (SANTAELLA, idem, pg. 43).

Referências bibliográficas

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. V. 1.2. São Paulo: Editora Objetiva Ltda.: 2002.



LANDINI, Tatiana Savoia. *Pedófilo, quem és? A pedofilia na mídia impressa*. Cad. Saúde Pública vol.19 suppl.2: Rio de Janeiro, 2003.

MONTORO, T., 1999. Notícias de violência: Uma leitura. In: *Violência, Gênero e Crime no Distrito Federal* (M. Suárez & L. Bandeira, org.), pp. 105-120, Brasília: Paralelo 15/Editora Universidade de Brasília.

NÖTH, Winfried. *Panorama da Semiótica de Platão a Peirce*. São Paulo: ANNABLUME, 1995.- (Coleção E;3)

COUTINHO, Leonardo; DINIZ, Laura. *Pedofilia quando o inimigo é da família*. Revista Veja. edição 2105 de 25 de março de 2009.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.